

## QUESTÕES E GABARITOS OEHSE

### FASE 2

#### Questão 1

##### Documento 1

##### Fotografia



**Título:** Assinatura do contrato de compra e venda com força de Escritura Pública da Reserva Indígena Fulkaxó

**Tipo:** Fotografia

**Origem:** Foto: Divulgação/Funai. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/funai-adquire-imovel-em-sergipe-para-a-constituicao-de-reserva-indigena-do-povo-fulkaxo> Acesso em: 30 set 224

**Palavras-chave:** Povos indígenas. Fulkaxó. Reserva Indígena.

##### Documento 02

“O novo território indígena sergipano foi viabilizado por meio de uma parceria entre o Governo de Sergipe e a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai). Os indígenas da tribo Fulkaxó foram recebidos esta semana na Secretaria de Estado da Agricultura, Desenvolvimento Agrário e da Pesca (Seagri), para a assinatura do contrato de compra da fazenda. A propriedade foi adquirida a partir de recursos da Funai para abrigar cerca de 90 famílias de Fulkaxó”.

“O benefício representa um pleito antigo da comunidade indígena, transformado em Projeto de Lei e aprovado por unanimidade pela Assembleia Legislativa de Sergipe (Alese). A Lei 9.345, de 26 de dezembro de 2023, autorizou o Poder Executivo estadual a transferir duas áreas rurais de sua propriedade para a realocação de famílias indígenas e de agricultores familiares. A iniciativa teve como finalidade

preservar a identidade, o modo de vida e a cultura indígena no estado, viabilizando ações que concretizam a demarcação de suas terras, protegendo esses povos de possíveis invasões e ocupações por terceiros”.

**Título:** Funai adquire imóvel em Sergipe para a constituição de reserva indígena do povo Fulkaxó

**Tipo:** Notícia

**Data de publicação:** 11 de julho de 2024

**Origem:** Funai. **Disponível em:** <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/funai-adquire-imovel-em-sergipe-para-a-constituicao-de-reserva-indigena-do-povo-fulkaxo> **Acesso em:** 30 de setembro de 2024.

**Palavras-chave:** Povos indígenas. Fulkaxó. Reserva Indígena.

Entre Neópolis e Pacatuba, a etnia Fulkaxó conseguiu se fixar

- a) O Estado de Sergipe passa a ter oficialmente duas comunidades indígenas. Até então, a única terra indígena sergipana era Caiçara, na Ilha de São Pedro, no município de Porto da Folha. O estado passou a ter oficialmente a antiga fazenda Soloncy Moura, em Pacatuba, na região do baixo São Francisco sergipano, como a segunda área destinada à posse permanente do grupo indígena Fulkaxó. A área é considerada a primeira reserva indígena sergipana por ter sido adquirida pela Funai para alocação daquela comunidade.
- b) As principais causas do conflito envolvendo os povos Fulkaxó seriam a insuficiência de terras no Brasil disponível para esse fim e a discriminação sofrida pelos Fulkaxó na distribuição de benefícios na comunidade, além de outras desavenças relacionadas a decisões políticas, e a ausência total de costumes e tradições que se perderam ao decorrer do tempo.
- c) Assim como no restante do Brasil, existiu uma luta de anos para que os povos originários Fulkaxó conseguissem o direito definitivo aos 45 hectares de terra adquiridos pela união e destinados a posse permanente desse povo indígena. O Ministério Público Federal de Sergipe processou a união e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) requerendo a compra de tais terras. A Funai comprou a Fazenda Soloncy Moura junto ao Governo de Sergipe e a propriedade foi transferida para comunidade no formato de Reserva Indígena. Toda vez que é regulamentada uma reserva indígena, nasce uma reserva ambiental.
- d) As Reservas Indígenas são terras doadas por terceiros ou adquiridas e desapropriadas pela União que se destinam à posse permanente dos indígenas. Já as Terras Indígenas tradicionalmente ocupadas são bens da União, no qual os indígenas têm a posse permanente reconhecidos pelo artigo 231 da Constituição Federal.

### Comentário da questão

A questão aborda a criação da Reserva Indígena Fulkaxó, direitos territoriais indígenas. A criação dessa reserva também reflete a resistência dos povos originários em manter suas identidades culturais e modos de vida.

A questão permite também promover um amplo debate sobre como as etnias Fulni-ô de Pernambuco, Kariri de Alagoas e Xocó de Sergipe se uniram para sobreviverem ao áspero cenário de apagamento vivido por esses povos desde a chegada dos portugueses.

No ensino de história, esse tema é relevante porque permite explorar a relação entre a formação territorial brasileira e a exclusão histórica dos povos indígenas. A luta do povo Fulkaxó por terra pode ser trabalhada como um estudo de caso para analisar a resistência e os desafios enfrentados pelos povos originários, bem como a forma como a legislação atual busca reparar essas injustiças históricas. Essa abordagem também contribui para desconstruir estereótipos e reforçar o protagonismo indígena no processo de formação do Brasil. Na sala de aula, essa questão pode ser abordada por meio de debates, análises de documentos legais e textos sobre a história indígena no, conectando-se aos temas da Lei 11.645/2008.

Atividades como a produção de mapas temáticos, pesquisas sobre as comunidades indígenas locais, análises de notícias atuais e reflexões sobre políticas públicas podem enriquecer o debate. Além disso, promover rodas de conversa ou, se possível, entrevistas com lideranças indígenas pode oferecer aos alunos uma visão mais concreta e humana das questões indígenas no Brasil. Essa abordagem amplia a compreensão histórica e promove uma visão crítica e cidadã, incentivando o respeito à diversidade cultural e à luta pelos direitos dos povos originários.

**Profa. Eliana Dias Ferreira Oliveira**  
Mestra em Ensino de História

## Questão 2

### Documento 1 Fotografia



**Título:** Largo da Gente Sergipana

**Documento:** Fotografia

**Origem:** <https://g1.globo.com/se/sergipe/especial-publicitario/banese/sergipanize/noticia/2020/08/21/campanha-sergipanize-se-e-inspirada-em-manif>

**Crédito:** G1 Sergipe

**Palavras-chave:** Largo da Gente Sergipana, cultura popular, manifestações culturais, monumento urbano, Sergipe, folclore.

## **Documento 2**

### **Texto Acadêmico**

Com esses comparativos percebemos a relevância histórica e o legado cultural do Largo da Gente Sergipana, construído de maneira imponente, com foco na nossa ancestralidade e formação cultural, numa das principais avenidas da capital. Lá encontra-se além da ancestralidade, a história dos povos indígenas, dos colonizadores europeus, dos vários povos africanos trazidos para o Brasil na condição de escravizados, assim como suas ressignificações na formação da história, cultura e sociedade brasileira.

Isto posto, mais do que um espaço para Educação Patrimonial e um equipamento turístico para visitas e fotos, o Largo da Gente Sergipana traz as imbricações da terra e de seu povo, os conflitos e tentativas de harmonia, os silenciamentos e discursos contraditórios. Ensinar a história local dialoga com a própria construção simbólica de uma “identidade nacional” também cheia de exclusões e disputas; e faz com que se perceba a cultura não apenas em seu viés lúdico, mas também as culturas políticas que permeiam sua salvaguarda (Oliveira, p.49).

**Tipo de documento:** Texto acadêmico

**Origem:** OLIVEIRA, Eliana Dias Ferreira. Ponteiros da memória: educação patrimonial no ensino de história em Sergipe. 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/14453> Acesso em: 30 de set 2024.

**Crédito:** Eliana Dias Ferreira Oliveira

**Palavras-chave:** Largo da Gente Sergipana, cultura popular, manifestações culturais, monumento urbano, Sergipe, folclore.

Com base nas fontes apresentadas, o Largo da Gente Sergipana

- a) O Largo é um monumento urbano, feito pelo artista plástico Tati Moreno, situado no estuário do rio Sergipe que reúne em si estátuas de todas as manifestações

culturais do Estado de Sergipe. Sendo, essa coletânea cultural, uma das várias homenagens que referencia a cultura popular em Sergipe.

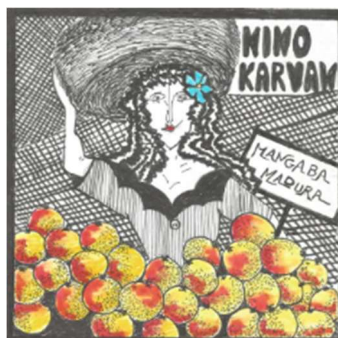
- b) A estátuária, Largo da Gente Sergipana, composta por nove manifestações culturais sergipanas, Lambe-sujo e Caboclinhos, Bacamarteiros, Cacumbi, Parafusos, Barco de Fago, Reisado, Chegança, Taieira e São Gonçalo. São os grupos folclóricos, com suas características identitárias, seu vestuário celebrativo, em sua performance simbólica rememorada por gestos, expressões e posturas, que estão representados no Largo da Gente Sergipana.
- c) Idealizado pelo arquiteto Ézio Déda, o Largo da Gente Sergipana, inaugurado em 17 de março de 2018, é uma homenagem a algumas das tradições culturais existentes em Sergipe que trazem referências a formação do povo brasileiro, de sua história e religiosidade, a exemplo da Taieira, única expressão feminina presente Largo, que está ligada à irmandade Nagô de Santa Bárbara Virgem do município de Laranjeiras, sendo uma das mais importantes manifestações de hibridismo religioso no Brasil.
- d) O monumento, Largo da Gente Sergipana, mudou a paisagem urbana de Aracaju, construído às margens do Rio Sergipe, foi o primeiro monumento urbano de grande impacto erguido em homenagem a cultura popular sergipana.

**O Largo da gente sergipana é um lugar de memória e de identidade de Sergipe representando as mais diversas culturas e sujeitos históricos do Estado. É muito pertinente para o trabalho pedagógico em sala de aula, sobretudo da disciplina história, analisar essas representações e aproximar os estudantes das identidades regionais, em especial a sergipanidade. Além disso, o Largo da Gente sergipana é um espaço muito fértil para educação patrimonial e para o turismo, uma vez que possibilita ao estudante, ao turista e ao morador sergipano o seu espelho identitário. A relação do Largo da Gente Sergipana e a transposição didática para sala de aula pode ser materializada através de projetos, visitas técnicas e aulas públicas sobre esse panteão cultural de Sergipe.**

**Prof. Dr. Anselmo Machado  
Instituto Federal de Sergipe – Campus Lagarto**

### **Questão 3**

**Documento 1  
Música**



<https://youtu.be/EmPa8peZ7Cw?si=LXe2XbGqUFLzCwyb>

**Título:** Mangaba Madura

**Tipo:** Música

**Origem:** Álbum Mangaba Madura, 2001

**Compositor:** Nino Karvan

**Intérprete:** Nino Karvan

#### **Créditos**

**Compositor:** Nino Karvan

**Intérprete:** Nino Karvan

**Fonte:** <https://youtu.be/EmPa8peZ7Cw?si=LXe2XbGqUFLzCwyb>

**Palavras-chave:** Mídias digitais. História da música. Sergipe.

## **Documento 2**

### **Artigo Online**

#### **Catadoras de mangaba lutam pela demarcação de reservas extrativistas**

A mangaba – fruto da mangabeira (*Hancornia speciosa* Gomez) e típica do cerrado, da caatinga e do litoral nordestino – é cultivada ou colhida há pelo menos dois séculos pelas populações tradicionais desses biomas, sendo parte da culinária local na forma de sucos, doces, compotas, sorvetes e licores. Outrora comuns, os mangabais são cada vez mais raros e, atualmente, alvo de intensos conflitos entre proprietários rurais, catadoras, gestores, funcionários da administração pública e empresários de turismo e da construção civil.

(...)

A mangaba é fruto apreciado no litoral nordestino e faz parte da crescente demanda por frutos exóticos entre as populações de outras regiões brasileiras, o que tem aumentado o seu preço de mercado e estimulado pequenos e grandes proprietários de terra a investirem em sua produção comercial. O Sergipe é atualmente o maior estado produtor de mangaba, cujo quilo da fruta pode atingir, nos mercados da capital, preço superior aos de frutas importadas, como maçãs e uvas.

(...)

As catadoras de mangaba vivem nos tabuleiros costeiros e restingas de Sergipe. São 61 comunidades distribuídas em 56 povoados de Aracaju, Barra dos Coqueiros, Brejo Grande, Estância, Indiaroba, Itaporanga DAjuda, Japoatã, Japaratuba, Pacatuba, Pirambu, São Cristóvão, Santa Luzia do Itanhy e Santo Amaro das Brotas. Segundo dados da Embrapa, em Sergipe, são 7.500 pessoas dependendo dessa atividade para sobreviver.

Destas, 2.500 são mulheres extrativistas que sustentam suas famílias. Segundo Josué Silva Júnior, Heribert Schmitz e Dalva Mota, pesquisadores da EMBRAPA, elas são em geral mulheres predominantemente negras e pobres que se dedicam ao extrativismo em terras devolutas ou de terceiros. Como não possuem a posse das terras que exploram, dependem de acordos com seus proprietários para ter acesso aos mangabais nativos. Tradicionalmente, reivindicam o direito de acesso baseado em costumes locais, e hoje lutam para poder continuar a fazê-lo.

Sendo geralmente vendidos em locais próximos aos mangabais ou feiras em municípios adjacentes, estes frutos atingem preços mais elevados. Entretanto, essa prática tem sido substituída pela coleta das mangabas de vez (frutos ainda nos galhos, alguns um pouco verdes ou em processo adiantado de amadurecimento), que resistem melhor ao transporte para mercados mais distantes, mas são menos valorizados, além de causarem danos à árvore, prejudicando a produtividade dos mangabais.

Como não são proprietárias das terras em questão – originalmente pertencentes à União e posteriormente transferidas para a prefeitura -, as catadoras sequer serão indenizadas, o que significa que repentinamente perderão parte importante de sua renda sem que possuam qualificação para serem reinseridas no mercado formal de trabalho – o que já teriam feito se não possuíssem baixa empregabilidade -, ou sem que lhes sejam apresentadas alternativas.

Essa situação começa a ser revertida com a recente organização das catadoras em torno de uma entidade que as representa. Criado em 2007 com o apoio de pesquisadores e técnicos da EMBRAPA – e seguindo o modelo das organizações ligadas às quebradeiras de coco babaçu do Maranhão (sujeitas a problemas semelhantes em seu estado e que acompanharam de perto a organização das catadoras de mangaba) -, o Movimento das Catadoras de Mangaba (MCM) foi um dos resultados do I Encontro das Catadoras de Mangaba de Sergipe, realizado na capital para discutir os problemas comuns das catadoras.

**Título:** SE – Catadoras de mangaba lutam pela demarcação de reservas extrativistas

**Tipo:** Artigo online

**Fonte:** Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil, Fiocruz

**Disponível em:** <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/se-catadoras-de-mangaba-lutam-pela-demarcacao-de-reservas-extrativistas/> **Acesso em:** 14 de ago de 2024.

**Palavras-chave:** Mangaba, reservas extrativistas, catadoras, Sergipe, demarcação de terras, conflitos ambientais.

### **Documento 3**

#### **Artigo científico**

No caso dos conflitos em torno dos impactos socioambientais, as mudanças a partir do espaço construído, principalmente pelo mercado imobiliário e poder público, também são significativas, e as metamorfoses e a reestruturação metropolitanas são igualmente expressivas, comprometendo as condições de vida da população menos favorecida e a qualidade dos ambientes naturais e antropizados que afetam a todos (Vilar, 2022). Um exemplo representativo do terceiro tipo de CSA é a destruição das mangabeiras, principalmente nos terraços da Barra dos Coqueiros e Aracaju. A resistência

do movimento das catadoras de mangaba e as iniciativas das universidades e centros de pesquisa são insuficientes para reverter esse quadro de destruição da mata de restinga da qual as mangabas são extraídas. Além de colocar em xeque um modo de vida tipicamente local, oferece dificuldades para o uso de conhecimentos específicos no fazer cultural e em práticas gastronômicas que os sergipanos conhecem tão bem e se confundem com nossa identidade territorial.

**Título:** Conflitos socioambientais na região metropolitana de Aracaju

**Tipo de documento:** Artigo científico

**Origem:** FRANÇA, Sarah Lúcia Alves; VILAR, José Wellington Carvalho. Produção imobiliária, expansão urbana e conflitos socioambientais na região metropolitana de Aracaju. P. 32. Disponível em:

file:///C:/Users/Desktop/Downloads/Aracaju\_OM\_Eleicoes\_2024.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

**Créditos:** Sarah Lúcia Alves França e José Wellington Carvalho Vilar

**Palavras-chave:** Produção imobiliária, expansão urbana, conflitos socioambientais, região metropolitana de Aracaju.

Considerando a relação entre o extrativismo, a identidade local e as expressões culturais, o impacto da possível extinção das áreas de mangabeiras para a população que vive dessa atividade

- a) A extinção das áreas de mangabeiras significaria uma perda significativa para a gastronomia sergipana, já que o fruto não seria facilmente substituído por outras frutas.
- b) A perda das mangabeiras representaria o desaparecimento de um dos símbolos culturais de Sergipe, presente na gastronomia e na produção artística local, como na música “Mangaba Madura”, de Nino Karvan. Essa perda ameaçaria tanto a sobrevivência econômica das catadoras e sua relação com a identidade sergipana.
- c) O impacto seria mínimo, já que o extrativismo da mangaba está restrito a pequenas comunidades e não influencia de maneira significativa a cultura ou a economia local.
- d) A mangaba – fruto da mangabeira (*Hancornia speciosa* Gomez) e típica do cerrado, da caatinga e do litoral nordestino – é cultivada ou colhida há pelo menos dois séculos pelas populações tradicionais desses biomas.

### **Comentário da questão**

A questão sobre as catadoras de mangaba propõe uma reflexão sobre as comunidades tradicionais. Especialmente aquelas comunidades residentes em capitais. Em Sergipe, as comunidades das catadoras de mangaba se fazem presentes nos municípios de Aracaju, Japarutuba, Pirambu, Barras do Coqueiro, Estância e Indiaroba. Em sua maioria são mulheres negras que além de catar mangabas exercem outras atividades como a de marisqueiras, pescadoras tradicionais, artesãs e culinárias. Entretanto o extrativismo da mangaba é sua principal atividade dessas mulheres. Em Aracaju elas possuem uma reserva de extrativismo de mangaba, 11 áreas localizadas na zona de expansão, a única existente entre as

capitais do Brasil. Sua atividade é organizada pela associação de instrumento da defesa e da promoção a catar. A questão é pertinente também porque traz a histórias das catadoras de uma forma lúdica por meio de canções e textos. Explica a tradição de catação, associada a alimentação, a música, prática repassada de geração para geração ao longo do tempo. As práticas culturais das mangabeiras são importantes para a cultura e a culinária local, como por exemplo a produção de sucos e doces. As catadoras desempenham atividades voltadas para a utilização sustentável por via dos recursos da biodiversidade. A prática extrativista das mangabeiras por meio dos modos tradicionais é considerada um bem integrante do patrimônio cultural imaterial do brasileiro, que é previsto no artigo 216, II, da constituição federal. Seus fazeres ligados aos doces, licores e cocadas feitos da fruta sergipana, a mangaba, garantem a comercialização da mangaba como fonte de renda e garantia de segurança alimentar e nutricional para essas mulheres.

Maria Helena de Oliveira  
Centro de Excelência Professor Paulo Freire

#### Questão 4

##### Documento Poema

NOSSA SENHORA DA GLÓRIA: a progressiva cidade do sertão sergipano

Tudo começou a partir do século XVII, com os tropeiros e boiadeiros que, temendo a floresta, pernoitavam na “boca da mata”.

Aos poucos, surgiu o povoado chamado Boca da Mata em terras pertencentes ao município de Gararu.

O pomposo e atual nome de Nossa Senhora da Glória se deve ao Padre Francisco Gonçalves Lima, que, junto com a comunidade, providenciou a imagem da santa com o mesmo nome.

Em 26 de setembro de 1928, Nossa Senhora da Glória se emancipa de Gararu e passa a construir, com muita personalidade, sua história.

Por ser localizada em região privilegiada, de fácil acesso e dispor de várias potencialidades, a cidade é conhecida como Capital do Sertão e Capital Estadual do Leite,

o que instiga o sentimento de santo orgulho não só para seus filhos, como também para os que a visitam e a escolhem para nela residir.

Glória cresce a passos largos em todos os aspectos. Hoje, sua economia de base é bem diversificada. A bacia leiteira é o carro-chefe da indústria, por isso é chamada de Capital Estadual do Leite, seguida da fabricação de móveis, colchões e calçados, ao passo que o comércio se eleva à posição de destaque, oferecendo ambiente físico moderno e acolhedor, além de mercadorias de marcas preferidas para todos os gostos.

Com um comércio atraente, bate recorde em todos os seus produtos. Paralelamente, a feira livre atrai consumidores de todos os recantos do estado e de fora dele, deixando-os boquiabertos. O conhecimento é a riqueza intelectual de um povo. Como farol cultural e

social, Glória segue com suas tradições, que são: foclore, teatro, bandas de música, quadrilhas, danças,

festival de música, Rock Sertão, cavalgadas, Carnaforró, festa da padroeira, FLIG, Santos Reis, Rotary Fantasy e a culinária sertaneja.

Para incentivar e alavancar as vertentes literárias, culturais e artísticas, contamos com a Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS) e, sobretudo, com a Academia Gloriense de Letras (AGL), com ações grandiosas, portanto a colheita tem sido abundante.

A evolução de Nossa Senhora da Glória na área da comunicação se deve ao avanço progressivo do homem e da sociedade, aliado às novas tecnologias.

No setor educacional, as escolas públicas e privadas, cada uma com sua abrangência, caminham em busca de um ensino de qualidade.

A Universidade Federal de Sergipe, como também as demais universidades, abriram um fecundo veio para se estudar. E a cultura, com novas formas de pensar, deu uma guinada, ampliando caminhos para a melhoria do homem sertanejo como cidadão.

No tocante à saúde pública, Glória possui um Hospital Regional e várias Clínicas de Saúde da Família, que carecem, entretanto, de recursos financeiros e humanos para atender à demanda.

Uma mata foi o berço esplêndido da história do Povoado Boca da Mata, hoje Nossa Senhora da Glória, cidade próspera, simpática, organizada e aconchegante. Nela a civilidade é prevalecente. A cada dia transforma a sua roupagem, contemplando vaidosamente o seu nome.

A querida Nossa Senhora da Glória espera por você.

SOUSA, Leunira Batista Santos

**Título:** Nossa Senhora da Glória: a progressiva cidade do sertão sergipano

**Documento:** Poema (texto literário)

**Origem:** SOUSA, Leunira Batista Santos. Nossa Senhora da Glória: a progressiva cidade do sertão sergipano. *Revista AGL / Academia Gloriense de Letras*, vol. 4, n. 4, 2023. Nossa Senhora da Glória, SE: Academia Gloriense de Letras. Disponível em: <https://www.academiagloriensedeletras.org/revista-da-agl/>. Acesso em: 10 out. 2024.

**Crédito:** Leunira Batista Santos Sousa

**Palavras-chave:** Nossa Senhora da Glória. Sertão sergipano. Literatura local.

O poema

- a) Aponta os elementos culturais existentes no município intitulado como “Capital Estadual de Leite”.
- b) Resgata o seu processo de origem e a expansão do seu território elencando os fatores geográficos, históricos, culturais e modernos evidenciados ao longo da sua história como município.
- c) Apresenta o município em narrativa de poema convidando o leitor para visitá-la principalmente nos eventos e festas realizadas na cidade.
- d) Remete ao processo histórico e cultural da capital estadual do leite.

## Comentário da questão

A questão aborda o expansionismo do município de Nossa Senhora da Glória – SE, que foi elevada à categoria de cidade em 26/09/1928. O povoamento da região ocorreu por volta do final do século XVIII e início do século XIX, impulsionado pela expansão da atividade agropecuária. Anteriormente mencionado Boca da Mata, uma localidade servida como ponto de parada para tropeiros, boiadeiros e viajantes. Entre 2010 e 2022, a população do município cresceu 26,79%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ocupando a posição de segundo município de Sergipe com maior crescimento populacional. Conhecida como capital do sertão e capital estadual do leite, a cidade se transformou e, atualmente, conta com uma diversidade de atividades econômicas, que vão da agricultura, pecuária, indústrias e serviços a um comércio significativo. De cultura e tradições variadas, o município se destaca no cenário cultural brasileiro, com ênfase em seus artistas locais, na vaquejada e na realização de eventos como o Rock Sertão e as atividades promovidas pela Academia Gloriense de Letras, entre outros. Estudar a história do desenvolvimento de Nossa Senhora da Glória permite compreender as particularidades econômicas, políticas, sociais e culturais que moldaram o município em um contexto local e regional. Vale destacar a importância do reconhecimento da identidade local, bem como do conhecimento e da preservação do patrimônio histórico e cultural, que reforçam fortalecimento do senso de pertencimento da comunidade. Além disso, o trabalho com fontes históricas, relatos orais e fotografias amplia as habilidades de pesquisa e interpretação histórica dos alunos, estimula a reflexão crítica sobre os processos de transformação social e os desafios contemporâneos enfrentados pela região, dando ênfase à memória coletiva e ao desenvolvimento sustentável do município.

Viviane Andrade dos Passos

Colégio Estadual Cícero Bezerra

Escola Municipal Tiradentes

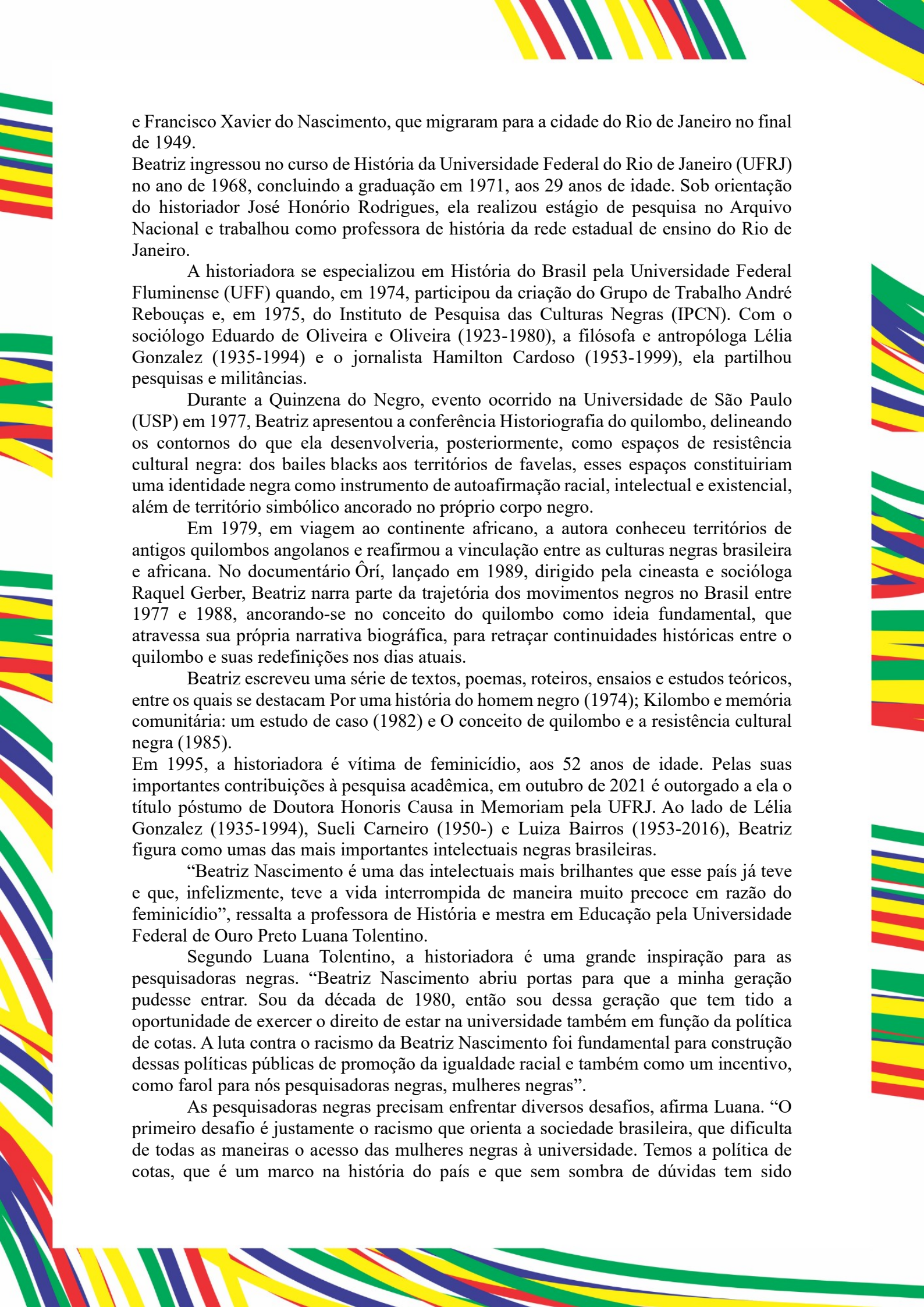
## Questão 5

### Documento

#### Artigo online

Negra, migrante, nordestina e mulher, a historiadora Beatriz Nascimento (1942-1995) foi uma das principais intelectuais do país, com contribuições fundamentais para entender a identidade negra como instrumento de autoafirmação racial, intelectual e existencial. Ela desenvolveu pesquisas sobre o que denominou de “sistemas sociais alternativos organizados por pessoas negras”, investigando dos quilombos às favelas. A partir desta quinta-feira (20), Beatriz dá nome ao “Atlânticas – Programa Beatriz Nascimento de Mulheres na Ciência“, primeiro programa do governo federal direcionado exclusivamente a mulheres cientistas negras, indígenas, quilombolas e ciganas.

Segundo a Enciclopédia de Antropologia da Universidade de São Paulo, Maria Beatriz Nascimento nasceu em Aracaju. É a oitava filha de Rubina Pereira do Nascimento



e Francisco Xavier do Nascimento, que migraram para a cidade do Rio de Janeiro no final de 1949.

Beatriz ingressou no curso de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no ano de 1968, concluindo a graduação em 1971, aos 29 anos de idade. Sob orientação do historiador José Honório Rodrigues, ela realizou estágio de pesquisa no Arquivo Nacional e trabalhou como professora de história da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro.

A historiadora se especializou em História do Brasil pela Universidade Federal Fluminense (UFF) quando, em 1974, participou da criação do Grupo de Trabalho André Rebouças e, em 1975, do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN). Com o sociólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira (1923-1980), a filósofa e antropóloga Lélia Gonzalez (1935-1994) e o jornalista Hamilton Cardoso (1953-1999), ela compartilhou pesquisas e militâncias.

Durante a Quinzena do Negro, evento ocorrido na Universidade de São Paulo (USP) em 1977, Beatriz apresentou a conferência Historiografia do quilombo, delineando os contornos do que ela desenvolveria, posteriormente, como espaços de resistência cultural negra: dos bailes blacks aos territórios de favelas, esses espaços constituiriam uma identidade negra como instrumento de autoafirmação racial, intelectual e existencial, além de território simbólico ancorado no próprio corpo negro.

Em 1979, em viagem ao continente africano, a autora conheceu territórios de antigos quilombos angolanos e reafirmou a vinculação entre as culturas negras brasileira e africana. No documentário *Ôrí*, lançado em 1989, dirigido pela cineasta e socióloga Raquel Gerber, Beatriz narra parte da trajetória dos movimentos negros no Brasil entre 1977 e 1988, ancorando-se no conceito do quilombo como ideia fundamental, que atravessa sua própria narrativa biográfica, para retratar continuidades históricas entre o quilombo e suas redefinições nos dias atuais.

Beatriz escreveu uma série de textos, poemas, roteiros, ensaios e estudos teóricos, entre os quais se destacam *Por uma história do homem negro* (1974); *Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso* (1982) e *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra* (1985).

Em 1995, a historiadora é vítima de feminicídio, aos 52 anos de idade. Pelas suas importantes contribuições à pesquisa acadêmica, em outubro de 2021 é outorgado a ela o título póstumo de Doutora Honoris Causa in Memoriam pela UFRJ. Ao lado de Lélia Gonzalez (1935-1994), Sueli Carneiro (1950-) e Luiza Bairros (1953-2016), Beatriz figura como umas das mais importantes intelectuais negras brasileiras.

“Beatriz Nascimento é uma das intelectuais mais brilhantes que esse país já teve e que, infelizmente, teve a vida interrompida de maneira muito precoce em razão do feminicídio”, ressalta a professora de História e mestra em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto Luana Tolentino.

Segundo Luana Tolentino, a historiadora é uma grande inspiração para as pesquisadoras negras. “Beatriz Nascimento abriu portas para que a minha geração pudesse entrar. Sou da década de 1980, então sou dessa geração que tem tido a oportunidade de exercer o direito de estar na universidade também em função da política de cotas. A luta contra o racismo da Beatriz Nascimento foi fundamental para construção dessas políticas públicas de promoção da igualdade racial e também como um incentivo, como farol para nós pesquisadoras negras, mulheres negras”.

As pesquisadoras negras precisam enfrentar diversos desafios, afirma Luana. “O primeiro desafio é justamente o racismo que orienta a sociedade brasileira, que dificulta de todas as maneiras o acesso das mulheres negras à universidade. Temos a política de cotas, que é um marco na história do país e que sem sombra de dúvidas tem sido

fundamental para dar novos contornos, novas cores à universidade, mas ao mesmo tempo, há uma série de barreiras que dificultam o acesso das mulheres negras ao ensino básico. Entre os grupos sociais que não tiveram oportunidade de frequentar a escola, as mulheres negras são maioria”, explica Luana Tolentino.

O outro ponto destacado pela professora, é que ao chegar na universidade as pesquisadoras precisam enfrentar o olhar de desconfiança com o qual as são vistas, também motivado pelo racismo.

“Vivemos em um país em que ainda há uma expectativa de que, nós mulheres negras, estamos nesse mundo apenas para servir e limpar a sujeira dos outros. Estamos em um país que ainda tem dificuldade de pensar nas mulheres negras como pesquisadoras, como intelectuais, como produtoras de conhecimento. Mas, a despeito de tudo isso, nós estamos em um número muito significativo na universidade, acho que como Beatriz Nascimento sonhou. Nós que já estamos [na universidade] precisamos assumir o compromisso de abrir tantas outras portas para que outras mulheres negras possam entrar e garantir o direito humano à educação e ao ensino superior”.

**Título:** Conheça Beatriz Nascimento, intelectual negra que inspira cientistas

**Tipo:** Artigo online

**Origem:** Geledés Instituto da Mulher Negra. Conheça Beatriz Nascimento, intelectual negra que inspira cientistas. 13 ago. 2020. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/conheca-beatriz-nascimento-intelectual-negra-que-inspira-cientistas/>. Acesso em: 10 out. 2024.

**Palavras-chave:** Beatriz Nascimento, intelectual negra, cientistas, movimento negro, história afro-brasileira.

**Crédito:** Ludmilla Souza

Sobre Beatriz Nascimento

- a) O legado de Beatriz Nascimento inspira as novas gerações a reconhecer a importância da história na construção da identidade negra e na luta por direitos. A abordagem de Beatriz em relação à autoafirmação racial e à resistência cultural não tem relevância, pois encoraja as mulheres negras a se posicionarem como intelectuais e produtoras de conhecimento, desafiando estereótipos e abrindo portas para outras mulheres.
- b) Beatriz Nascimento abordou as intersecções entre raça, gênero e classe em sua luta por direitos, reconhecendo que as mulheres negras enfrentam desafios específicos que envolvem a combinação dessas opressões. Sua trajetória e suas contribuições acadêmicas servem como um modelo de resistência e autoafirmação, essencial para a luta por igualdade.
- c) Fatores históricos e sociais, como a luta incessante de intelectuais negras, incluindo Beatriz Nascimento, foram fundamentais para a formação das políticas de cotas e a inserção de mulheres negras na academia brasileira.

- d) Por meio de suas pesquisas, Nascimento destacou a importância de espaços de resistência, como quilombos e favelas, e como esses locais contribuíram para a formação de uma identidade negra afirmativa.

### **Comentário da questão**

A questão aborda a trajetória e o legado de Beatriz Nascimento, destacando-a como uma importante historiadora e intelectual negra que se dedica a temas como identidade, resistência cultural e os impactos das opressões de raça, gênero, classe e ao movimento negro. Suas pesquisas sobre quilombos e outros espaços de resistência cultural negra ressaltam a contribuição histórica desses locais para a formação de uma identidade afirmativa e para a luta por igualdade racial e social no Brasil. Além disso, sua obra foi fundamental na discussão sobre políticas públicas, como as cotas raciais, que abriu caminhos para novas gerações de pesquisadores negros nas academias.

Essa abordagem tem uma relação direta com o ensino de história, especialmente no cumprimento da Lei 10.639/2003, que obriga o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Beatriz Nascimento oferece uma perspectiva importante para compreender a resistência dos povos africanos no Brasil e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira. Sua obra amplia o olhar para além da opressão, destacando a construção de sistemas alternativos e espaços de protagonismo negro, como os quilombos, que continuam sendo referência para debates sobre igualdade e resistência.

Na sala de aula, a história de Beatriz pode ser trabalhada de forma interdisciplinar, conectando história, geografia, sociologia e literatura. A análise de textos como "O conceito de quilombo e a resistência cultural negra" pode estimular debates sobre racismo estrutural e institucional, políticas de reparação e o papel da mulher negra como produtora de conhecimento. Além disso, atividades práticas, como rodas de conversa ou produção de textos, podem estimular os estudantes a refletirem sobre os desafios e as conquistas da luta antirracista, promovendo uma educação mais inclusiva e crítica sobre as questões étnico-raciais no Brasil.

**Profa. Eliana Dias Ferreira Oliveira**  
**Mestra em Ensino de História**

### **GABARITO FASE 2**

**Questão 1 – A-4, B-0, C-5, D-1.**

**Questão 2 – A-0, B-1, C-5, D-4.**

**Questão 3 – A-4, B-5, C-0, D-1.**

**Questão 4 – A-1, B-5, C-0, D-4.**

**Questão 5 – A-0, B-5, C-4, D-1.**

### **TAREFA**

## **A Arte em Sergipe e sua relação com a História e Cultura local**

### **Descrição da Atividade**

Escolha uma obra de um artista plástico sergipano que represente aspectos da história e/ou cultura de Sergipe (dê preferência a um artista do seu município). Em seguida, desenvolva as seguintes atividades:

1. Relato Biográfico do Artista (máximo de 1200 caracteres):

Escreva um breve relato sobre a vida e carreira do artista escolhido, destacando sua trajetória profissional e sua relevância para a cultura de Sergipe.

2. Relato Sobre a Obra (máximo de 1500 caracteres):

Apresente uma análise da obra selecionada, relacionando-a com o contexto histórico ou cultural de Sergipe. Destaque como a obra contribui para a compreensão da identidade cultural ou da história do estado.

Utilize uma imagem da Obra e uma imagem do artista

A obra e a imagem/foto devem ser digitalizadas/fotografadas em boa resolução e enviada em formato JPEG ou PNG, com tamanho máximo de 5 MB.

### **Orientações:**

- O texto deve ser claro, objetivo e obedecer ao limite de caracteres estabelecido.
- Certifique-se de que a imagem da obra esteja nítida e que todos os detalhes importantes sejam visíveis.
- Lembre-se de indicar o nome da obra, o ano de criação (se disponível) e o nome completo do artista.
- Ao final, inclua uma foto da equipe indicando nome da equipe, dos componentes, da escola e do município.
- O espaço para a tarefa, deve ser desenvolvido em no máximo duas páginas.

Vamos lá, use da pesquisa e da criatividade!